

Território Revelado: Imprensa e Poluição no Município de Cubatão [SP] na Década de 1970

Revealed Territory:

Press and Pollution in Cubatão County [State of São Paulo, Brazil] in the 1970s



André Munhoz de Argollo Ferrão

Universidade Estadual de Campinas – Unicamp – Campinas, São Paulo, Brasil

argollo@unicamp.br



Francisco Rodrigues Torres

Prefeitura Municipal de Cubatão, Cubatão, São Paulo, Brasil e Universidade Estadual de Campinas – Unicamp – Campinas, São Paulo, Brasil

frantorres80@gmail.com

1

Resumo

O presente artigo pretende analisar reportagens que abordam o tema poluição na cidade de Cubatão, localizada no Estado de São Paulo, veiculadas durante a década de 1970, as quais foram fator preponderante para a construção de uma consciência ecológica. As reportagens abordadas permitem observar o aprofundamento da temática no decorrer dos anos, o envolvimento dos atores e seu empenho em divulgar seu ponto de vista, além de evidenciar a influência dos “mass media”, ou seja, os meios de comunicação, na elaboração de uma visão crítica. Há que se reconhecer que, para um entendimento menos reducionista, necessário se faz debruçar sobre a década de 1970, por ser possível observar os papéis representados pelos atores envolvidos. A análise do material jornalístico propicia que se revelem alguns processos que se desenrolam no território do município de Cubatão [SP], tais como o convívio de comunidades com efluentes, os jogos de poder, o silêncio das instituições, além das ações evidenciadas para divulgar ou dissimular os efeitos da poluição. A análise do material produzido nesse período possibilita reconhecer que os estudos realizados sobre meio ambiente, na região, devam ser tratados sob o enfoque do chamado “*pensamento complexo*”.

Palavras-chave: Território. Poluição. Meio ambiente. Meios de comunicação. Imprensa.

Abstract

This article seeks to analyze newspaper articles that address the pollution in the city of Cubatão, Brazil, vehiculated during the 1970s, which were an enormous factor in the construction of ecological awareness. The articles analyzed allow us to notice the deepening of the theme over the years, the involvement of the leading figures and their efforts to spread their point of view, besides allowing the influence of “mass media”, that is, the mass communication types of media, in the formulation of a critical point of view. It must be recognized that for a less reductionist understanding, it is necessary to focus on the 1970s, because it is possible to observe the roles played by the actors involved. The analysis of the journalistic material allows the revealing of some processes that take place in the territory of Cubatao county [state of Sao Paulo, Brazil], such as the coexistence of communities with effluents, power games, the silence of institutions, in addition to the actions shown to publicize or conceal the effects of pollution. The analysis of the material produced during this period makes it possible to recognize that studies carried out on the environment in the region should be treated under the so-called “complex thinking” approach.

Keywords: Territory. Pollution. Environment. Media. Press.

Introdução

O território cubatense foi alvo de várias ações institucionais, no decorrer da década de 1970, devido aos altos níveis de poluição. O presente artigo pretende apontar os mecanismos adotados para que os atores envolvidos nessa trama se situassem política e socialmente. Nesse sentido, as reportagens veiculadas em jornais regionais se revelaram material de pesquisa consistente para fundamentar o desiderato. As dez matérias estudadas no corpo do artigo, na verdade, se constituem apenas uma amostragem, pois o tópico “poluição” recebeu atenção constante dos meios de comunicação locais.

A importância desse tipo de abordagem está vinculada à necessidade de se entender os processos que envolveram a cidade, especificamente no período que o polo petroquímico estava em seu auge. Entender a relevância que as empresas dispunham nas esferas municipal, estadual e federal permite que se avalie as notícias estampadas como ousadas propostas pela imprensa escrita. Dessa forma, o artigo apresenta os indícios históricos, mas não extingue a necessidade de novas pesquisas para aclarar o tema.

A história regional de Cubatão está ligada ao período colonial quando Martim Afonso de Sousa aportou em São Vicente, em 1532. Este representante da Coroa deu início à ocupação oficial na Colônia Portuguesa da América do Sul. O donatário português assinou as primeiras cartas de doação de sesmarias. Estas compreendiam boa parte do território cubatense atual (ANDRADE, 1973, p. 136-139; FERREIRA *et al.*, 2008, p. 10).

A partir do século XVII houve atuação dos jesuítas na aquisição de terras que margeassem o rio Cubatão e seu complexo uso como ligação com o porto de Santos. Os religiosos foram questionados de várias formas quanto a sua proposta de exclusividade sobre o direito de passagem (TORRES, 2008, p. 33-78).

Apesar das oposições, os jesuítas paulatinamente agregaram terrenos e constituíram aquela que seria reconhecida como a maior propriedade particular

na costa vicentina, a Fazenda Geral. Durante cento e noventa anos, os inacianos se empenharam em comprar e permutar terras. A pertinácia jesuítica produziu um perímetro territorial relevante, mas várias frentes institucionais, câmaras municipais e representantes comerciais, os consideravam antagonistas. Os embates perduraram até a expulsão da Companhia de Jesus de todas as colônias portuguesas, devido uma decisão real, em 1759.

O banimento dos religiosos repercutiu diretamente na conformação do território, pois a propriedade que fora alvo de tamanho empenho, a Fazenda Geral, tornou-se terra devoluta. Em outras palavras, a herdade voltou a pertencer à Coroa Portuguesa e, conseqüentemente, cabia exclusivamente a esta decidir de que forma o terreno seria aproveitado.

A disponibilização das terras, no entanto, somente despertou novo interesse no início do século XIX, pois o rei português estava empenhado em enviar imigrantes para se estabelecerem no Brasil. Dessa forma, açorianos receberam sesmarias de menores proporções às margens do rio Cubatão. Os proprietários ficaram conhecidos como os cinco Manuéis (SILVA SOBRINHO, 1957, p. 133).

O desenvolvimento de Cubatão, além da vinda imigrante, esteve ligado à implantação de estradas em seu território. As vias de comunicação permitiam o fluxo contínuo de tropeiros, autoridades, muares e mercadorias que transitavam entre o Planalto Paulista e o Porto de Santos. Essa importância logística, qual seja, a de pouso e guarida para os viandantes permitiu que o Governo Provincial criasse, em 1835, a Barreira do Cubatão, órgão responsável pela cobrança de pedágio.

No entanto, o fato que mudou a logística regional foi a inauguração da São Paulo Railway, em 1867. O uso da via férrea redundou no abandono dos caminhos que cortavam Cubatão. As décadas finais do século XIX indicaram uma acentuada diminuição de relevância do território.

Na sequência, o início do século XX apresentou a instalação das primeiras fábricas, Companhia Anilinas e Companhia Santista de Papel, respectivamente

instaladas em 1914 e 1919. Essas iniciativas fabris principiaram a mudança na paisagem, porém de forma paulatina, pois grande parte da população tirava o sustento da atividade rural. No entanto, houve situações, a partir da segunda metade do século, as quais repercutem hodiernamente. O fato que se tornou mais saliente foi a instalação do polo petroquímico, quando da inauguração da Refinaria Presidente Bernardes de Cubatão – RPBC, no ano de 1955. Nos anos posteriores, mais de duas dezenas de empresas de grande e médio porte iniciaram suas operações no território cubatense.

A implantação de indústrias era algo desejado por qualquer cidade paulista devido ao aumento de arrecadação de tributos. No entanto, a partir do final dos anos 1960, iniciou-se um processo de insatisfação popular devido aos elevados níveis de poluição se tornarem mais evidentes. No decorrer dos anos 1970, houve acentuada divulgação dos excessos praticados pelas fábricas através dos meios de comunicação, os “mass media” abordados por Pierre Nora (1995). A televisão, o rádio e – sobretudo – a imprensa escrita se tornaram sujeitos na difusão de informações que permaneciam encobertas. Ao revelar dados sobre o território cubatense, os meios de comunicação abriram novos campos para a participação popular no trato com o meio ambiente.

Importante ressaltar que não se tratou de um desenvolvimento constante e uniforme, mas com avanços e retrocessos, verdades e inverdades defendidas na mesma proporção. Assim sendo, não se deve considerar os meios de comunicação os arautos da realidade, mas elementos inseridos na gênese de um pensamento ecossistêmico. Nesse sentido, não há uma situação maniqueísta, mas complexa ao se observarem as visões multifacetadas dos personagens envolvidos.

O presente artigo pretende analisar reportagens que abordaram o tema poluição na cidade de Cubatão, localizada no Estado de São Paulo, veiculadas durante a década de 1970, as quais foram fator preponderante para a construção de uma consciência ecológica. As reportagens abordadas permitem observar o aprofundamento da temática no decorrer dos anos, o envolvimento dos atores e seu empenho em divulgar seu ponto de vista, além de evidenciar a influência dos “mass media”, na elaboração de uma visão crítica.

Para tanto, realizou-se um amplo levantamento de reportagens que abordaram o tema “poluição na cidade de Cubatão”, publicadas no recorte temporal de 1970-1979. Os jornais denominados “A Tribuna” e “Cidade de Santos” constituem a base da pesquisa por serem, regionalmente, os que tinham maior veiculação à época. A hemeroteca pesquisada está sob a guarda do Arquivo Histórico de Cubatão. Não ocorreu a análise de todo o material coletado e pré-classificado, porém todas as matérias vão relacionadas. Como resultado, espera-se que o leitor deste trabalho possa visualizar o movimento em favor da construção de uma consciência ecológica na Baixada Santista – em especial, no município de Cubatão – a partir da atuação da Imprensa escrita.

Imprensa e questões ambientais na Baixada Santista

Edgar Morin (1999), em seu estudo “Da necessidade de um pensamento complexo”, aconselha que haja um conhecimento do contexto para que o entendimento seja ampliado. O autor utiliza expressão citada por Blaise Pascal: “Não posso conhecer o todo se não conhecer particularmente as partes, e não posso conhecer particularmente as partes se não conhecer o todo”. Morin (1977, p. 119) indica que não se deveria pretender-se decompor o objeto de estudo de forma cartesiana, pois que redundaria em perda de significância das partes e do todo. O filósofo entende que a compreensão de determinado aspecto deve estar ligada a outros fatores. Eis porque em sua definição sobre pensamento complexo, refuta as ideias fragmentadas defendendo que os fenômenos que ocorrem na natureza são complexos. Dessa forma, considera que as relações humanas, ambientais, urbanísticas e ideológicas se fundem, formando emaranhados sistemas de todas as ordens.

Ainda segundo Edgar Morin (1999), o pensamento simplista provoca uma visão mutilada dos fenômenos estudados pelo homem, cujo processo se depara num produto linear e cartesiano. Por isso, entende que os processos são complexos, pois se apresentam conectados em todas as esferas institucionais, ideológicas, culturais e científicas.

Os arazoamentos de Edgar Morin (1999) indicam a necessidade de se debruçar sobre um determinado assunto a partir de uma visão conjuntural. Nesse sentido, ao se deparar com questões intrínsecas ao município de Cubatão [SP], ordinariamente são rememoradas ações implementadas no decorrer da década de 1980 com uma política ostensiva de controle das fontes poluidoras, principalmente com a atuação decisiva da Companhia de Saneamento Ambiental de São Paulo – CETESB – (ARGOLLO FERRÃO; TORRES, 2018).

No entanto, há que se reconhecer que, para um entendimento menos reducionista, necessário se faz debruçar sobre a década de 1970, por ser possível observar os papéis representados pelos atores envolvidos. A análise do material jornalístico propicia que se revelem alguns processos que se desenrolam no território de Cubatão, tais como o convívio de comunidades com efluentes, os jogos de poder, o silêncio das instituições, além das ações evidenciadas para divulgar ou dissimular os efeitos da poluição. A análise do material produzido nesse período possibilita reconhecer que os estudos realizados sobre meio ambiente, na região, devam ser tratados sob o enfoque do chamado “pensamento complexo”. Obviamente não há pretensão de se exaurir o assunto com este trabalho, mas contribuir para novas abordagens.

A imprensa escrita foi um dos principais instrumentos para a construção de um entendimento progressivo quanto às questões ambientais. No cenário mundial, a “I Conferência Internacional sobre Meio Ambiente” (www.senado.gov.br) realizada em Estocolmo, em 1972, representava uma mudança no trato com o tema “poluição ambiental”. Em Cubatão, no entanto, já havia ocorrido o “I Seminário Sobre a Poluição do Ar e das Águas, na Baixada Santista” (PREFEITURA DE CUBATÃO, 1970), em agosto de 1970, o qual indicava a preocupação das autoridades locais já em consonância com as mencionadas preocupações em escala global. No entanto, o processo de conscientização foi moroso, não necessariamente por falta de empenho dos atores envolvidos, mas na própria divulgação do assunto. Durante décadas se propalou que a industrialização representava o futuro. O progresso requeria mais

espaços abertos para fábricas que, por seu turno, traziam empregos com melhor remuneração e, em tese, mais saúde e educação.

Necessário observar que a ideia de conscientização sobre a importância do meio ambiente constituía uma quimera no início dos anos 1970, pois o país estava imerso no “milagre brasileiro”, a proposta econômica desenhada pelos militares. Assim, a simples alusão de elementos poluidores e suas origens, as fábricas, são elementos contemporâneos para questionamento do “status quo”. A própria abordagem jornalística apresentará um desenvolvimento no decorrer da década.

O importante, ao se debruçar sobre o tema, é perceber a gradação existente devido os posicionamentos se tornarem mais expressivos. Os jornais permitiram que o assunto fosse amplamente divulgado e, ao fazê-lo, possibilitavam que a população se familiarizasse com expressões pertinentes à ambiência. Palavras, termos técnicos e jargões começavam a ser utilizados e, dessa forma, assentiam que os leitores as incorporassem, pois deter tais informações os capacitava a questionar. Os periódicos prepararam o cenário para a cobrança, o debate, o contraditório. O historiador Pierre Nora (1995), em artigo que aborda os meios de comunicação, se pronuncia da seguinte forma:

É ao ‘mass media’ que se deve o reaparecimento do monopólio da história. De agora em diante este monopólio lhes pertence. Nas nossas sociedades contemporâneas é por intermédio deles e somente por eles que o acontecimento marca a sua presença e não nos pode evitar. (NORA., 1995, p. 181)

A forma incisiva como Pierre Nora indica a relevância dos “mass media” para interpretação dos fatos beira ao vaticínio. Ao fazer tal declaração, o historiador se posicionava contra dogmas que indicavam a necessidade do crivo do tempo para se debruçar sobre determinado assunto. Os “mass media” invertem a ordem vigente, pois o fato contemporâneo se apresenta como aspecto a ser investigado. Os acontecimentos se desvelam, se traduzem através dos meios de comunicação e, a partir da divulgação, novas interpretações se sucedem. Nessa abordagem, Pierre Nora utiliza um termo que não pode passar despercebido. Ao citar que “o acontecimento

marca a sua presença”, o autor personaliza o fato, pois “presença” provém do latim “praesentia” (CINTRA; CRETELLA JÚNIOR, 1956), cujo termo está constituído pelo vocábulo “esse”, o qual significa o “ser”. O pesquisador reconhece o “fato” como elemento que possui uma dinâmica própria, um mecanismo que não se restringe a uma lógica linear. Os meios de comunicação correspondem a um fenômeno irrefreável e produz, no seu desenvolvimento, interações complexas que dão vazão a abordagens que se ressignificam.

Nessa lógica, as mídias influenciadoras à época, jornais, rádio e televisão, principalmente a imprensa escrita (NORA, 1995, p. 182), se constituem uma instituição, pois trazem em seu bojo elementos que realçam o valor do fato, agregam complexidade às dinâmicas, invertem ordens de poder, reescalonam perspectivas, capacitam novos atores, revelam territórios.

A Imprensa na Baixada Santista, década de 1970: 10 artigos que transformaram a percepção da poluição em Cubatão

O propósito de analisar algumas reportagens do período condiz com o objetivo de se entender o pensamento de uma época. Obviamente todos os posicionamentos não serão elencados, pois pesquisa também requer escolhas ao privilegiar determinadas abordagens. Entretanto, apesar das lacunas, as informações levantadas através dos textos possibilitam uma compreensão mínima da transformação que ocorria no território cubatense. A quantidade de notícias que estavam relacionadas com o tema “poluição” se constitui bastante expressiva, mas os dez artigos estudados colaboram para a interpretação do tema em relação com a comunidade que sofria os efeitos, as autoridades públicas e os posicionamentos adotados pelas empresas.

“Ar poluído está intoxicando moradores do Jardim Anchieta”

Cidade de Santos, 15.06.1971, p. 5

Moradores do Jardim Anchieta, em Cubatão, se manifestaram face à poluição no bairro. O corpo da matéria aponta a ocorrência de “fumaça” e “neblina”, que correspondem aos gases oriundos de indústrias próximas. Os munícipes reclamam de que em dias chuvosos a emissão de poluentes se faz mais perceptível. Utilizam expressões taxativas como “maldito ar”, “gás venenoso” para frisar a insatisfação. Um dos entrevistados, Alberto Martins, se expressa da seguinte forma: “Todos os moradores contam que os dias lindos, cheios de sol, não existem em Cubatão, pois o céu nessa cidade industrial é sempre esfumado, há sempre uma nuvem envolvendo o município”. Outro morador, Nelson Teixeira, declara o seguinte: “O mais terrível são os dias em que as pessoas vão andando pelas ruas, chorando sem motivo, simplesmente porque há alguma coisa estranha em toda cidade”.

A denominação do bairro homenageia ao padre José de Anchieta, jesuíta que no século XVI transitava no litoral vicentino. O Jardim Anchieta está localizado na divisa com o polo petroquímico e o impacto da poluição, obviamente, afetava aos bairros adjacentes. Eis porque os moradores se organizaram para denunciar os desmandos cometidos pelas empresas. Primariamente se observa que os munícipes tiveram oportunidade de reclamar contra as fábricas. Não economizam nas declarações a ponto de afirmarem que, na cidade, não havia dias ensolarados. Tal discurso remete o leitor a refletir que tal ambiente se faz completamente insalubre. Um lugar que está envolto em densa névoa de poluentes que bloqueia os raios solares. As afirmações se aproximam de uma visão apocalíptica, pois numa terra arrasada pela poluição, a natureza se ressentida de forma imediata. O trecho que aponta as pessoas andando e chorando sem motivo sugere o cenário de guerras químicas, no qual os personagens caminham em hordas, sem destino e desprovidos de futuro.

A reportagem é breve. Possui apenas cinquenta linhas distribuídas em sete períodos. Não há indicação da autoria da matéria, mas apesar da economia textual, o leitor principia a criar um contexto sobre a cidade de Cubatão e a situação ambiental. As palavras impactam. Não importa em que condições as entrevistas se deram e o grau de veracidade contido nas declarações, mas os termos utilizados, a densidade descritiva principia um processo de construção conceitual sobre o meio ambiente

cubatense, pois o “Jornal Cidade de Santos” permitiu que elementos destituídos de voz representativa externassem sua insatisfação contra um sistema instituído, no qual, as empresas, as autoridades e órgãos públicos interagiam e se mantinham refratários a discussões com as comunidades. Os moradores locais eram relegados a um solene desprezo. Eis a inversão da ordem. O que era dito apenas nas esquinas do bairro Jardim Anchieta em conversas informais, se tornou ostensivo à população de uma região. O meio de comunicação agia de forma a revelar as complexidades de um território.

“Não há mais cloro no ar. Mas, não é o fim da poluição”

A Tribuna, 10.11.1971

O artigo informa que os moradores do bairro Parque Fernando Jorge e do Centro da cidade “podem ficar descansados”, pois a indústria Carbocloro (www.uniparcarbocloro.com.br) “não está soltando mais na atmosfera cloro diluído, o que acontecia desde 1964”. Acrescenta que os técnicos da Superintendência de Saneamento Ambiental – SUSAM – (SÃO PAULO, 1970), os quais respondiam à Secretaria da Saúde do Estado visitaram a empresa e, na ocasião, esta se comprometeu a eliminar a fonte poluidora. Causou estranheza o fato dos munícipes terem reações adversas somente a partir do ano anterior. A fiscalização se prontificava a identificar outros resíduos que provocassem a alergia na população e a multar os responsáveis. Importante atentar que, no texto, o Centro Tecnológico de Saneamento Básico – CETESB – estava responsável unicamente pela análise de níveis de poluição nos cursos de água. Assim, existiam duas organizações que detinham a responsabilidade em fiscalizar o problema da poluição. Nesse contexto, há que se perceber o surgimento de prováveis disputas de poder para uma atuação hegemônica. Constitui característica interessante, nas reportagens do início da década de 1970, a abrangência territorial, pois são focados os problemas existentes nos bairros mais próximos das empresas. Não se percebe a poluição num contexto de território.

“Cubatão nos manda sua fumaça”

Cidade de Santos, 19.05.1974, p. 3

A reportagem se faz interessante ao expor a contradição existente entre o título e o corpo da matéria. A chamada, de forma inequívoca, denuncia a emissão de fumaça que se desloca para o município de Santos. No entanto, no transcorrer do artigo, Pedro Tosta de Sá, então vice-presidente da Associação Brasileira de Prevenção e Poluição do Ar – ABPPOLAR –, de forma taxativa afirma que a população não deve se alarmar, pois há fatores que atenuam a situação. Primeiramente informa que a composição da fumaça vermelha, em sua maior parte, corresponde ao dióxido de enxofre que não prejudica a saúde. Alega, ainda, que a distância da zona industrial a Santos é considerável e, portanto, a dispersão da poeira se fazia rapidamente. Além disso, sustenta que o fato das pessoas não estarem em contato constante com a poluição anula todo o risco.

O questionamento intrínseco existente entre o veiculador da notícia e o entrevistado se apresenta perceptível. Além disto, há elementos que necessitam ser realçados, pois apesar da divergência entre título e corpo, não ocorre, em nenhum momento, contestação direta. O elemento que repassa as informações o faz em forma discursiva, pois não há o contraponto. A própria dinâmica da matéria indica um padrão, no qual as instituições envolvidas não ultrapassam os limites. Essa ação não deve ser vista como algo bom ou ruim, mas que estava inserida num processo de construção de uma consciência crítica. Dessa forma, os silêncios existentes no texto se constituem fonte de esclarecimentos, pois não há citação da origem da fumaça, nem sobre a empresa responsável. Da mesma forma, não ocorre a declaração oficial de representantes da Prefeitura Municipal de Cubatão ou da Câmara Municipal de Vereadores. Os órgãos fiscalizadores, SUSAM e CETESB – (www.cetesb.sp.gov.br), sequer são mencionados. A ausência das falas do poder público e dos responsáveis pelo controle da poluição indica não apenas a relevância do tema para esses atores, mas a própria imaturidade das entidades em se perceberem partes de um sistema.

“No final, denúncias e sugestões para controlar poluição”

A Tribuna, 02.11.1975, p. 27

O artigo informa sobre o último dia de apresentação de trabalhos da “I Conferência Nacional do Meio Ambiente” que se desenvolveu em Cubatão. A reportagem ocupa uma página inteira com imagens, o texto vai assinado por Ricardo Marques e Manuel Alves Fernandes e principia indicando que o público reduzido não fazia justiça à qualidade das apresentações, pois durante quatro dias, técnicos, especialistas, médicos e representantes de classe se revezaram nas exposições temáticas. As abordagens versaram, por exemplo, sobre efluentes provindos da fabricação do cimento, aspectos cardiológicos e a poluição ambiental, poluição e saúde pública, resíduos sólidos e poluição no mar. No decorrer do texto se evidencia a inexpressiva participação de representantes públicos, inclusive com o não comparecimento de autoridades previamente agendadas. Organizada pela Associação Brasileira de Prevenção à Poluição do Ar – ABPPOLAR – era presidida pelo jornalista Randolpho Marques Lobato que externou sobre o encontro:

Esta foi a primeira conferência não governamental realizada no Brasil, considerando que a Prefeitura de Cubatão participou apenas como colaboradora. O saldo positivo foi conseguido pela presença de renomados técnicos e pesquisadores, que emprestaram leal e dedicada colaboração, deslocando-se dos mais distantes pontos do País, para Cubatão, iniciativa essa que faltou a algumas autoridades que estavam muito perto.

Além da qualidade das palestras destacada pela coordenação do evento, o registro das propostas tiradas ao final do encontro se faz relevante. As sugestões versavam sobre obrigatoriedade de regulação de motores automobilísticos, estabelecimento de normas quanto a resíduos sólidos, incentivo ao uso de álcool como combustível, obrigatoriedade do estudo de ecologia em escolas de 1º e 2º graus, utilização das energias eólica e solar, controle rigoroso de pesticidas e proibição de propaganda de cigarros são alguns exemplos.

A reportagem, sob vários aspectos, descreve o encontro científico como um divisor de águas. Situada justamente na metade da década, a “I Conferência Nacional do Meio Ambiente” foi desenvolvida pela sociedade civil. Não havia apenas as respostas imediatas, quanto à poluição, do início dos anos 1970. A organização do evento aponta para o amadurecimento da sociedade na busca por respostas sobre as várias demandas ambientais. Faz-se evidente o pouco caso das autoridades e a implícita disposição em esvaziar as palestras. Os temas abordados foram ecléticos para propiciar um questionamento mais amplo e, dessa forma, inserir vários setores da sociedade, o que Edgar Morin (1999) apontava como “pensamento complexo”. Assim, ao não optar por uma reunião protocolar, a Associação Brasileira de Prevenção

à Poluição do Ar inaugura um novo período quanto à abordagem de temas ligados aos efeitos da poluição em Cubatão.

“Está maior a espuma que polui o rio Cubatão”

Cidade de Santos, 06.11.1975, p. 10

O texto apresenta o problema da qualidade da água na cidade. A quantidade de detergentes não solúveis produzia espumas que cobriam alguns trechos do rio, principalmente próximos ao bairro Fabril e acampamento do Oleoduto. Técnicos da Estação de Tratamento de Águas – ETA –, da Companhia de Saneamento da Baixada Santista – SBS – informavam que “o maior prejuízo é da própria SBS, pois quanto maior é o volume da espuma e, em consequência da poluição, mais gastos tem a empresa para tornar potável a água que irá para a cidade”. Apesar da espuma, os moradores declaram que não receiam justamente por estarem razoavelmente distantes do foco do problema. Um determinado trabalhador da unidade de captação de água informava que “a espuma não entra na estação de tratamento, porque, antes das bombas de sucção, há grades protetoras que a retém”. Por não haver vestígios de espumas no trecho que o rio atravessa o centro do município, os funcionários da Coordenadoria de Saúde de Cubatão esclarecem que para atingir o centro a quantidade de espuma precisaria cobrir toda a área próxima à ETA. Por sua vez, o então prefeito, Zadir Castelo Branco encarava o fato com normalidade, “pois apenas constituiria mais um produto químico neste rio, considerado pela Cetesb como classe 4, ou seja, destinado a recolher mesmo resíduos industriais”. O trecho final da reportagem avalia que o destino dos detergentes lançados no rio Cubatão seria o estuário de Santos e, assim os produtos químicos seriam rapidamente diluídos. Ao final, conforme avaliação de especialistas, as espumas na Baixada Santista não causariam tantos problemas como o que ocorria em Santana do Parnaíba [SP], “onde os flocos invadiram e chegaram a por em pânico a cidade”.

O artigo constitui peça necessária para se entender o “status quo” da questão ambiental na visão de alguns atores. A população considerava que a distância dos núcleos habitacionais do foco do problema consistia garantia para não se preocupar. Na mesma linha, o funcionário da ETA informou que a espuma era retida por grades. Tanto este quanto o primeiro estavam pautados no fator visual ou estético da água. Aquilo que não se enxerga não se considera problema. Importante frisar que os prejudicados não seriam as pessoas, o meio ambiente em geral, mas a empresa de tratamento de água que necessitaria aumentar os custos a fim de tornar potável a água. Essa gradação de valores, na qual o ser humano fica aquém de maquinários e processos necessita de atenção, pois sua mudança seria resultado de uma transformação de pensamento de uma geração. A explicação dada pelos servidores da Coordenadoria de Saúde de Cubatão foi evasiva, pois a quantidade de espuma necessária para atingir o Centro da cidade necessitava ser bem maior. O problema não estava na espuma, mas na quantidade. O prefeito Zadir Castelo Branco (1971-1975) utiliza de um sofisma para justificar sua despreocupação. A chamada “classe 4” dos corpos d’água não indicava

destinação de resíduos industriais, conforme exposto no Decreto nº 52.864, de 17 de janeiro de 1972 (SÃO PAULO, 1972). A despeito da qualidade das falas, necessário realçar a presença de vários atores no processo, os silêncios se tornavam menos presentes. Assim, há a fala de elementos da comunidade, técnicos da estação de tratamento e da coordenadoria de saúde, além da declaração do elemento político. A ausência pronunciada se dá quanto ao não pronunciamento dos órgãos fiscalizadores.

“Da poluição chegam à esquistossomose”

Cidade de Santos, 06.04.1977, p. 18

O artigo aponta exemplo do cuidado necessário no trato com as fontes. A notícia está disposta em caixa alta. À direita há imagem da Companhia Siderúrgica Paulista – COSIPA –, na qual se vê as unidades da empresa cobertas por densa fumaça com a seguinte legenda: “A poluição das indústrias é uma das razões da fuga dos moradores de Vila Parisi”.

O primeiro parágrafo apresenta o que parece indicar o mote da matéria: “O medo da poluição, a saúde das crianças e as enchentes está afugentando inúmeras famílias de Vila Parisi e outros bairros de Cubatão para o Jardim Rio Branco e Parque das Bandeiras, em São Vicente, onde todos os dias chegam duas, três ou quatro mudanças”. O título se vale de uma relação metonímica para substituir o nome das cidades. Assim, Cubatão [SP] equivale à poluição e São Vicente [SP] corresponde à esquistossomose. As partes definem o todo, num ambiente já advertido por Edgar Morin (1999). Cubatão, apesar de já sofrer as questões ambientais, não correspondia apenas a isso. Da mesma forma, os bairros de São Vicente não constituíam apenas os problemas de saneamento ou logística.

No entanto, apesar da chamada, da imagem destacada e do início do artigo, o corpo do texto está direcionado unicamente aos problemas existentes nos núcleos habitacionais localizados na cidade de São Vicente [SP]. A esquistossomose, a falta de médicos nos postos de saúde, as dificuldades de transporte, o fechamento dos acessos aos bairros nos finais de semana e inexistência de telefones públicos são alguns dos embaraços apontados pela Sociedade de Melhoramentos do bairro.

A matéria constitui um exemplo definido sobre o posicionamento da Imprensa que, em princípio, se aproveita da ligação da cidade de Cubatão com o tema poluição e conecta com assuntos de outra cidade. A estratégia se faz eficiente por dar visibilidade a um tema que seria considerado, no jargão jornalístico, “pauta fria”. Necessário frisar que a tática se tornará corriqueira conforme a analogia entre os termos “Cubatão” e “poluição” sejam referenciados nos meios de comunicação. Os vocábulos principiam a se tornar sinônimos. No entanto, há o perigo do reducionismo implícito a esse tipo de processo.

“Poluição sem controle”

Cidade de Santos, 26.04.1977, p. 2

A reportagem se inicia com uma crítica de que, apesar de determinação da presidência da república, a cidade de Cubatão não havia recebido a estação medidora de índices de poluição do ar. O próprio Governador do Estado de São Paulo, Paulo Egídio Martins (1975-1979), durante solenidade de entrega de título de “Cidadão Cubatense”, havia se comprometido a instalar o equipamento. Entretanto, posteriormente, em ofício endereçado à Prefeitura Municipal de Cubatão, além de informar a negativa da solicitação, recomenda que se notifique o escritório regional da Companhia Ambiental do Estado de São Paulo – CETESB –, a qual deverá ser acionada nos casos mais graves. O prefeito Carlos Frederico Soares Campos (1975-1982) informa que estão realizando gestões para que o Conselho de Defesa do Meio Ambiente – COMDEMA – seja reativado para efetuar ações de fiscalização. Além disso, o governador Paulo Egídio Martins se exime do compromisso assumido alegando dificuldades no processo licitatório. Há justificativa quanto à questão da CETESB não instalar o aparelho devido insuficiência no orçamento. Finaliza citando que a empresa Hidromar Produtos Químicos não obteve autorização para instalação de uma planta para não impactar o bairro de Vila Elizabeth.

O que chama atenção na notícia corresponde ao duplo sentido existente no título, pois, primeiro, indica que os níveis de poluição estão fora de controle. Segundo, não haveria aferição das emissões de poluentes devido a não instalação da estação medidora. Essa abordagem permite que o leitor do jornal, mesmo que não leia a íntegra da notícia, se sinta incomodado com a situação, principalmente os moradores das cidades vizinhas que recebem apenas os ônus das fábricas. O texto foca na atuação, cada vez mais presente, do elemento político como protagonista em ações ligadas à poluição, pois tanto a figura do governador quanto do prefeito municipal se sobressai. A própria alegação de verbas insuficientes, por parte da CETESB, indica que as postergações são uma constante no período. Há percepção de que as tomadas de decisão efetivas ocorrem apenas quando a situação ambiental se tornava intolerável.

“Poluição definida por Egídio: ‘Aterradora’”

A Tribuna, 31.01.1978, p. 10

O governador de São Paulo, Paulo Egídio Martins, durante visita à Baixada Santista sobrevoou a área da Companhia Siderúrgica Paulista – COSIPA –, e declarou que “a mancha de óxido de ferro proveniente da Cosipa me deixou profundamente preocupado. O grau de poluição da Cosipa é aterrador”. Ao ser questionado quanto à demora do Governo em ações efetivas contra a poluição, pois a situação já perdurava por vários anos. A resposta foi dada indicando aprovação de legislação pertinente, a qual habilitava a CETESB a controlar o setor, somente em fins de 1975. Questionado sobre o óxido de ferro lançado na atmosfera, não titubeou em responder que não era “técnico para avaliar definitivamente a fumaça vermelha, mas de uma coisa tenho certeza: ela causa danos ao ar que você respira”. Ao ser inquirido quanto aos desmatamentos na Serra do Mar, o governador reconheceu a incapacidade do Estado

em fiscalizar e, assim, fez “um apelo à Imprensa e ao povo, no sentido de denunciarem e indicarem os elementos responsáveis por este problema, para que o Governo possa agir”.

A reportagem aborda outras questões de caráter mais amplo como educação infantil, instalação de aeroporto e sucessão no governo do Estado de São Paulo. As imagens indicam uma autêntica maratona, pois foi clicado com assessores, visitou obras, além do indefectível beijo em crianças. No entanto, o texto apresenta alguns aspectos quanto à situação de Cubatão que merecem destaque. Primeiro, o elemento político exprime suas impressões de forma mais clara. Basta notar que o termo empregado quanto à poluição foi reproduzido no título. Segundo, a desenvoltura da imprensa em aproveitar a oportunidade e questionar incisivamente. Terceiro, o reconhecimento da necessária participação da “Imprensa” e do “povo” na denúncia de ações danosas ao meio ambiente. Nesse sentido, o jornal atua de forma a combinar diferentes setores da sociedade na defesa ambiental.

“Vazamento de gás polui vila”

A Tribuna, 05.07.1978, p. 6

O texto informa o vazamento de gases de amônia da fábrica de fertilizantes Ultrafértil que atingiu os bairros Jardim São Marcos e Vila Parisi, os quais são definidos como “duas favelas inadequadamente localizadas na área industrial de Cubatão”. O ocorrido foi relatado por Gigino Aldo Trombino, à época o presidente da casa legislativa. Relatou o edil que se encontrava no bairro para acompanhar o concerto de uma adutora de água quando sentiu o forte odor. Ao averiguar a procedência constatou a origem e conversou com o técnico responsável na empresa. Foi informado que um dos motores que promovem a sucção dos gases estava danificado e por essa razão “a fábrica está sendo obrigada a liberar os gases na atmosfera”. Finaliza declarando que “hoje mesmo, o motor será reparado e tudo voltará ao normal”.

Necessário observar que os núcleos populacionais citados não correspondiam a favelas, pois surgiram através de processos administrativos na Prefeitura Municipal de Cubatão. Vila Parisi recebeu o número 1.091/1956 e o Jardim São Marcos, o número 555/1968. Apesar da informação errônea, a crítica quanto à localização procede, pois estavam encravados no polo petroquímico. O relato do episódio não teve a participação de nenhum órgão fiscalizador ou associação de combate à poluição, mas foi relatado pelo presidente do poder legislativo que, coincidentemente, se encontrava no local quando do episódio. Além disso, a população não reagiu ao episódio não registrando nenhuma denúncia junto à CETESB, apesar dos incômodos como náuseas, mal estar e irritação nos olhos. Não houve reação. O final da frase do vereador se torna lapidar, pois ao declarar que “tudo voltará ao normal” há representação de um pensamento assentado na sociedade. A consciência quanto ao meio ambiente sempre se fez de forma lenta com fluxos e refluxos.

“Povo deve mobilizar-se contra a poluição”

Cidade de Santos, 25.02.1979, p. 3

A notícia principia com uma declaração do presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Petróleo, Pedro Gomes Sampaio, que se pronunciou sobre o tema poluição da seguinte forma:

Nós estamos cheios de órgãos com a finalidade de combater a poluição, mas que efetivamente não fazem nada. É necessário que a própria comunidade crie um órgão, não um órgão técnico, mas um órgão que tenha como objetivo mobilizar o povo e protestar contra os malefícios que estão sendo causados ao meio ambiente.

A declaração do representante de classe endossou a proposta da vereadora da Câmara Municipal de Cubatão, Maria Pieruzzi de Sousa, a qual considerava que os problemas do meio ambiente não estavam restritos aos limites do município e, portanto, necessitava de um conselho regional de defesa.

Quanto à questão, o engenheiro Luiz Amorim, responsável pelas operações da CETESB na Baixada Santista, informou que a comunidade poderia ajudar no combate à poluição ao comunicar o órgão. Citou o número telefônico para efetuar a denúncia e frisou que havia engenheiros de plantão 24 horas.

O deputado estadual Antônio Rubens Costa de Lara mencionou que “a comunidade da Baixada Santista não tem participado ainda do combate à poluição, mas isso não deve continuar assim”. O deputado estadual ainda critica o governo do Estado de São Paulo por não disponibilizar recursos suficientes e amplia a discussão ao indicar novas propostas, no seguinte trecho:

A conscientização do problema deve partir das escolas para que os estudantes levem a discussão dos problemas ambientais para os lares. Não digo que se crie uma cadeira específica de ecologia, mas que o assunto seja tratado dentro da Biologia. Acontece que as dificuldades são muito grandes, o Governo deveria antes reconhecer a profissão de biólogo, dar-lhe maior oportunidade de trabalho.

Na sequência, há nova fala do presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Petróleo na qual critica o ambiente das fábricas que expõe o trabalhador a contato direto com gases intoxicantes e poluição sonora.

A evidente reprovação na fala dos entrevistados, exceto o representante da CETESB, quanto às políticas de combate à poluição bem demonstra o grau de insatisfação com os órgãos responsáveis. No entanto, a necessidade de participação direta da população está presente no discurso de todos os setores. Os termos “povo” e “comunidade” são aplicados para que haja reação na composição. Entendem o sindicalista, o coordenador do órgão fiscalizador e o representante político que a ausência do elemento coletivo implica no prosseguimento do erro. A imprensa, ao entrevistar as diferentes correntes da sociedade, e ao demonstrar suas semelhanças discursivas, permite que antagonismos sejam postos de lado. O enfrentamento às agressões ambientais requeria uma forma de engajamento inclusivo, no qual, não havia espaço para prescindir de ninguém. Tanto que o deputado estadual considerou a inclusão do tema na grade curricular para que as crianças levassem o tema para discutir em seus lares. Nesse propósito, o legislador aponta para a necessidade do reconhecimento de uma nova profissão. Assim, o problema da poluição deveria ser base de reflexão no chão de fábrica, nas salas de aula, no recesso do lar, nas câmaras, nas ruas.

19

Conclusão

O reconhecimento dos meios de comunicação, os “mass media”, se faz necessário para que se entenda a cidade de Cubatão no período posterior à implantação das indústrias de base, na década de 1970. A imprensa jornalística atuou como protagonista nesse ambiente. Não se trata de observar, no caso, o número de assinantes ou a tiragem do jornal, mas diz respeito à qualificação de novos atores envolvidos no processo. A ação dos diários habilitava anônimos a participarem diretamente no jogo, pois o personagem que não possuía falas no enredo se apresenta como um dos protagonistas. Neste aspecto, a versatilidade da imprensa escrita foi eficaz em atender

às necessidades das situações impostas, pois num mesmo artigo poderia apresentar o pronunciamento da autoridade pública, o parecer de técnicos, o posicionamento de políticos, o desabafo do cidadão comum.

Dessa forma, o conjunto de matérias analisadas permitiu compreender o processo de reconhecimento ecológico no território. Pode ser observado que as notícias demonstram uma gradação na compreensão do território através do tema poluição. Assim, a primeira reportagem intitulada “Ar poluído está intoxicando moradores do Jardim Anchieta” (CIDADE DE SANTOS, 15.06.1971, p. 5) apresenta a insatisfação de moradores quanto aos níveis de poluição. Cabe destacar que esta matéria pode ser assinalada como a gênese para um posicionamento mais crítico, na década de 1970, ao se interpretar o meio ambiente cubatense.

Já na segunda matéria destacada, “Não há mais cloro no ar. Mas, não é o fim da poluição” (A TRIBUNA, 10.11.1971), observa-se a divulgação dos órgãos responsáveis pela fiscalização ambiental. Assim, a Superintendência de Saneamento Ambiental e a Companhia de Tecnologia Ambiental – atuaram em vistoria à empresa Carbocloro Indústria Química Limitada. A terceira matéria, “Cubatão nos manda sua fumaça” (CIDADE DE SANTOS, 19.05.1974, p. 5), apresenta a Associação Brasileira de Prevenção e Poluição do Ar – ABPPOLAR –, e o surgimento dessa entidade civil organizada permite que se infira a relevância da questão ambiental, pois no texto se tornam explícitos os silêncios estratégicos dos órgãos públicos.

Não por acaso, no ano seguinte, houve publicação da seguinte notícia, a quarta elencada, “No final, denúncias e sugestões pra controlar poluição” (A TRIBUNA, 02.11.1975, p. 27), na qual se destaca que a “I Conferência Nacional do Meio Ambiente” encampada pela Associação Brasileira da Prevenção e Poluição do Ar, se constitui na “primeira conferência não governamental realizada no Brasil”.

O quinto texto destacado, “Está maior a espuma que polui o rio Cubatão” (CIDADE DE SANTOS, 06.11.1975, p. 10), divulga a fala de vários setores da comunidade sobre a temática e expõe a falta de informação da maioria dos entrevistados. O sexto artigo, intitulado “Poluição sem controle” (CIDADE DE SANTOS, 26.04.1977, p. 2), informa a inexistência de equipamentos de aferição sobre os níveis de poluição, além

de aclarar o posicionamento dos chefes do executivo estadual e municipal. O sétimo artigo, “Da poluição chegam à esquistossomose” (CIDADE DE SANTOS, 06.04.1977, p. 18), se refere à poluição como agente responsável pelo êxodo de moradores do bairro Vila Parisi, localizado na zona industrial, e a falta de infraestrutura dos bairros da cidade de São Vicente.

A oitava reportagem, “Poluição definida por Egídio: “Aterradora” (A TRIBUNA, 31.01.1978, p. 10), inaugura o posicionamento mais ostensivo de Paulo Egídio Martins, então Governador do Estado de São Paulo, na crítica à poluição produzida pela Companhia Siderúrgica Paulista. O nono artigo, “Vazamento de gás polui vila” (A TRIBUNA, 05.07.1978, p. 6), demonstra que o nível de conscientização quanto à questão ambiental não é progressivo, mas se baseia num processo que envolve avanços e retrocessos. Finalmente, o décimo texto, “Povo deve mobilizar-se contra a poluição” (CIDADE DE SANTOS, 25.02.1979, p. 3), sintetiza a fala dos entrevistados que viam a necessidade de capilarizar a discussão e propugnavam que houvesse a urgente participação da sociedade.

21

Pode-se concluir que em Cubatão o desenvolvimento da consciência ecológica se construiu através de processos paradoxais ao longo da década de 1970. Não havia uma forma acabada. As primeiras reportagens estavam restritas às reclamações dos bairros vizinhos ao polo petroquímico. O crescimento dos níveis de poluição resultava em novas reportagens que, por sua vez, permitia que lentamente ocorresse uma percepção quanto ao meio ambiente e o território. Houve, nesse contexto, prejuízos inequívocos à cidade em questões básicas como saúde, moradia, educação, turismo e lazer. O encantamento do primeiro momento deu lugar a um território revelado através dos textos impressos nos jornais mais conhecidos da região.

O artigo não expressou juízo de valor, mas apontou as dificuldades em se produzir uma consciência crítica quanto às questões ambientais. O conjunto de matérias indica uma morosa percepção dos perigos que estavam atrelados aos agentes poluidores. No entanto, a obtenção de informações através dos órgãos jornalísticos representou uma inflexão nos jogos de poder. Além das autoridades públicas, cientistas, executivos

de empresas, a atuação da imprensa trouxe a oportunidade para que o elemento anônimo tivesse suas dores, doenças e opiniões reveladas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Wilma Therezinha Ferreira. **Antologia cubatense**. Santos: Prodesan, 1975.

ARGOLLO FERRÃO, André Munhoz de; TORRES, Francisco Rodrigues. Pesquisa e ação educativa da Companhia Ambiental do Estado de São Paulo no município de Cubatão [1970-1990]. IN **Anais do EnsinoGEO 2018**: VIII Simpósio Nacional de Ensino e História de Ciências da Terra – 22 a 27 de julho de 2018, Campinas, SP: geociências para todos / Celso dal Ré Carneiro... [et alii] (organizadores). Campinas: UNICAMP/IG, 2018. 700 p. Disponível em: ige.unicamp.br/geoscied2018/wp-content/uploads/sites/38/2018/10/2018_AnaisEnsinoGEOFinal.pdf. Acesso em: 21/05/2019

AR poluído está intoxicando moradores do Jardim Anchieta. **Cidade de Santos**, Santos, 15 jun. 1971, p. 5.

CINTRA, Geraldo de Uihôa; CRETELLA JÚNIOR, José. **Dicionário latino-português**. São Paulo: Nacional, 1956.

COUTO, Joaquim Miguel. Entre estatais e transnacionais. Campinas, 2003.

CUBATÃO nos manda sua fumaça. **Cidade de Santos**, Santos, 19 maio 1974, p. 3.

DA poluição chegam à esquistossomose. **Cidade de Santos**, Santos, 06 abr. 1977, p. 18.

ESTÁ maior a espuma que polui o rio Cubatão. **Cidade de Santos**, Santos, 06 nov. 1975, p. 10.

FERNANDES, Manuel Alves; MARQUES, Ricardo. No final, denúncias e sugestões para controlar poluição. **A Tribuna**, Santos, 02 nov. 1975, p. 27.

FERREIRA, César Cunha et al. **Cubatão: caminhos da história**. Cubatão: s.n., 2008

MORIN, Edgar. **Da necessidade de um pensamento complexo**: Política de civilização e problema mundial. Disponível em: <http://www.institutocarakura.org.br/arquivosSGC/DOWN_085123MorinDanecessidadedeumpensamentocomplexo.pdf> Acesso em: 21/03/2018

NÃO há mais cloro no ar. **A Tribuna**, Santos, 10 nov. 1971.

POLUIÇÃO definida por Egídio: “Aterradora”. **A Tribuna**, Santos, 31 jan. 1978, p. 10.

POLUIÇÃO sem controle. **Cidade de Santos**, Santos, 26 abr. 1977, p. 2.

POVO deve mobilizar-se contra a poluição. **Cidade de Santos**, Santos, 25 fev. 1979, p. 3.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CUBATÃO. I Seminário sobre a Poluição do Ar e das Águas, na Baixada Santista. Cubatão: s.n., 1970.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CUBATÃO. Processo administrativo nº 1.091/1956.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CUBATÃO. Processo administrativo nº 555/1968.

SÁ, Pedro Tosta de. **Poluição ambiental na Baixada Santista**. Cubatão: s.n., 1974.

SÃO PAULO (ESTADO). Dispõe sobre a criação, como entidade autárquica, da Superintendência de Saneamento Ambiental – SUSAM. DECRETO-LEI N. 232, DE 17 DE ABRIL DE 1970. São Paulo, SP, 1970. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto.lei/1970/decreto.lei-232-17.04.1970.html>. Acesso em: 15.05.2019

SÃO PAULO (ESTADO). Dispõe sobre o enquadramento dos corpos de água receptores e dá outras providências. Diário Oficial – Executivo, 18/01/1972, p.3. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/norma/80846>. Acesso em: 21.08.2021

SENADO FEDERAL. Disponível em: <https://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/rio20/a-rio20/conferencia-das-nacoes-unidas-para-o-meio-ambiente-humano-estocolmo-rio-92-agenda-ambiental-paises-elaboracao-documentos-comissao-mundial-sobre-meio-ambiente-e-desenvolvimento.aspx>. Acesso em: 10.08.2021

SILVA SOBRINHO, José Costa e. **Romagem pela terra dos Andradas**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1957.

TORRES, Francisco Rodrigues. **A fazenda geral dos jesuítas em Cubatão**. A fazenda geral dos jesuítas e a passagem do Cubatão 1553-1748. São Paulo, Fac. de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. (Dissertação Mestrado).

VAZAMENTO de gás polui vila. **A Tribuna**, Santos, 03 jul. 1978, p. 6.

NOTAS

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade/Instituto/Escola. Programa de Pós-graduação Projeto e Cidade. Publicação no Portal de Periódicos UFG.

As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

RECEBIDO EM: 01/11/2021

APROVADO EM: 21/12/2021

PUBLICADO EM: 29/12/2021